

FROLA, Francesco

*jornalista; mov. antifascista.

Francesco Frola nasceu em Turim, na Itália, no dia 28 de junho de 1886.

Filho de família nobre, tinha o título de conde. Desde cedo desenvolveu atividade política em defesa de ideias socialistas. Emigrou para os Estados Unidos, onde trabalhou como operário, mas em 1911 voltou à Itália e ingressou no Partido Socialista Italiano (PSI). Foi eleito deputado em 1919 e candidatou-se novamente nas eleições de 1924, mas não se reelegeu. Escreveu um livro defendendo a aliança com os pequenos proprietários rurais e com o proletariado urbano. Perseguido pelos fascistas, em 1925 fugiu para a França, onde exerceu atividades antifascistas e se tornou vice-diretor do jornal *Il Corriere degli Italiani*. Em 1926, foi convidado por Antonio Piccarolo, líder do antifascismo em São Paulo, a assumir a direção do jornal *La Difesa*, fundado em abril de 1923. Por motivos pessoais, Piccarolo desejava deixar a direção do jornal. Frola aceitou o convite e embarcou para o Brasil. O governo italiano pressionou as autoridades brasileiras a não permitirem sua entrada, o que provocou intensa campanha pró-Frola entre os antifascistas na imprensa brasileira. Aceita a sua permanência no Brasil, Frola assumiu o controle da associação antifascista *Unione Democratica*, da qual *La Difesa* era o órgão oficial, e alterou seu nome para *Lega Antifascista*. Tornou-se também o novo diretor do jornal, embora Piccarolo continuasse a participar.

Frola não só dirigia *La Difesa*, como passou a fazer conferências e a organizar comícios e debates contra o fascismo por todo o Sul/Sudeste do Brasil, alterando a forma de atuação posta em prática principalmente por Piccarolo, para quem a propaganda deveria ser dirigida ao mundo intelectual. Frola passou a dar ênfase ao movimento de massa, o que teria desagradado a Piccarolo. Outra mudança que introduziu no jornal foi demonstrar maior tolerância em relação aos antifascistas ligados à esquerda. Declarou não ser comunista, mas não aceitar a discriminação contra o comunismo, e abriu as páginas do jornal para esse ativistas, assim como para os anarquistas. As divergências políticas entre Frola e Piccarolo iriam se acentuar, apesar de ambos se declararem “socialistas”. O conflito entre os dois marcou a trajetória do antifascismo italiano no Brasil, especialmente entre 1927 e 1934. A disputa os levou ao emprego de insultos, de uma linguagem agressiva e de acusações de corrupção, traição, imediatismo etc.

Em fins de 1929 Frola voltou à França na qualidade de correspondente do jornal brasileiro. Ao retornar ao Brasil, e ter o visto de entrada no país recusado, decidiu ir para Buenos Aires, onde chegou em maio de 1930. Participou da reorganização do movimento antifascista de Buenos Aires e voltou para São Paulo no início de 1931. Na década de 1930,

principalmente a partir de 1932, quando surgiu o integralismo no Brasil, a questão do fascismo passou a ter prioridade entre os grupos de esquerda, o que foi um fator de revitalização do antifascismo italiano. Defensor da formação de frentes únicas contra o fascismo, Frola tornou-se personagem importante na criação da primeira grande frente antifascista do Brasil, a Frente Única Antifascista (FUA), em 1933-1934. Perseguido e preso em 1935, e também após a instalação do Estado Novo, em 1937, decidiu abandonar o Brasil e emigrou para o México em 1938. Ali foi convidado pelo presidente Lázaro Cardenas para assessorar o governo e dar aulas na Universidade Nacional.

Com o final da guerra, voltou para a Itália em 1946. Pouco tempo depois iniciou campanha contra o novo governo italiano, que acusava de estar a serviço do imperialismo americano. Demonstrou indignação diante da proteção dos Aliados à monarquia e ao papado e da permanência de velhos fascistas no poder. Suas posições não encontraram porém ressonância nas novas forças da Itália. Isolado pela Democracia Cristã e pelos companheiros de luta antifascista, voltou ao Brasil em 31 de maio de 1954 e fixou residência no Rio de Janeiro. Participou da campanha pela nacionalização do petróleo.

Não se tem dados sobre o local e a data de sua morte, que deve ter ocorrido por volta de 1954.

Publicou romances de conteúdo social e inúmeros livros e artigos de caráter político, entre eles *Da Parigi a São Paulo (Storia documentata d'un fiasco fascista)* (1927), *A cooperação livre: a economia espontânea do povo* (1937), *O trabalho e o salário* (1937), *Recuerdos de un antifascista, 1925-1938* (1938), *El Estado corporativo fascista* (1940) e *Sangue e petróleo* (1954).

Alzira Alves de Abreu

FONTES: BERTONHA, J. *Antifascista* (p.213-239); HECKER, A. *Socialismo*.